

O MUNDO SEM DEUS DE CRISTINA ATAÍDE

símbolos

Olhar: subsumir, absorver nos esquemas e categorias. Transformar em subjectividade, assimilar, no fundo, tornar semelhante a si, no fundo.

Olhar o interdito:

A paixão do olhar é a paixão do interdito (Klossowski, *Les Lois de l'hospitalité*, Gallimard, 1965: o interdito para Octave é o que Roberte actualiza com o outro, é a sua mulher-para-os-outros, a possibilidade que se tem de espreitar; Octave só a pode possuir completamente se, pelo voyeurismo, puder aceder a essa outra face da realidade.) e aquilo que é objecto de um desejo de assimilação, de absorção-ingestão e contacto - como o bebé: provar, cheirar, agarrar - é o Mundo. É o que se pode abraçar, catar, embalar, guardar.

O que não se pode - não existe e se a sua evidência é impositiva, sentimo-la como agressão e retaliamos: (a Mona Lisa têm uma longa história de dolorosas agressões para nos contar) tornamo-nos destrutivos, rasgamos, reduzimos a pedaços, esmagamos até ao desfazer no irreconhecível pó da imaterialidade. Se as nossas mãos, pés e dentes impunemente o puderem fazer. Ou olhamo-lo com ódio se é objecto de um interdito.

(Octave, de facto, diga ele o que disser, odeia Roberte) A ponto de não sabermos se o desejamos porque o queremos destruir ou se o queremos absorver. É a mesma irremediável ambiguidade que regula tantas vezes a paixão carnal: a mulher destruída é facilmente subsumida pelo conceito de "sem importância", "inútil". A mulher viva, contraditória, é a própria evidência. Amá-la é tocá-la, abraçá-la e deixar que subsista para que o desejo se renove; é o que caracteriza o enamoramento.

A escultura, talvez mais do que qualquer outra, é a arte de procurar essa objectividade impossível, indestrutível, essa essência resistente do ser outro, do ser da coisa-em-si, do número.

Como se faz? Talvez de tantos modos quantos os escultores, as técnicas que usam, e os materiais. Mas, de todos eles fica a procura da forma porque o escultor é um anorético, recusa liminarmente a absorção. Para isso, recusa o próprio princípio activo da nossa esquematização de Mundo: o conceito de um fim, a causa final, determinante para nós na absorção-assimilação.

(- Olha lá, isso mata a fome a alguém? - pergunta o Pai extremoso ao jovem Poeta-Músico-Pintor-Escultor, que responde:

- Pai! Eu nunca tenho vontade de comer..)

(Deus como Causa Final e Causa Eficiente: torna os objectos alienados - outra coisa que não eles próprios. Por isso o Jovem poeta é ateu. Mais velho, celebrado, torna-se guloso, já quer absorver. Deixa-se de ascetes. Engorda. Deixa de amar a amada: passa a possuí-la. Converte-se.)

Quando pensamos no erro do Fidalgo da Mancha que confunde, à porta da estalagem, as rameiras com princesas e nobres damas, é legítimo perguntarmo-nos se o seu erro se deve só à senilidade precoce de quem "tanto leu que tresleu" ou ao facto de que, segundo a forma, as pobres raparigas são humanas e, portanto, de direito próprio, nobres damas. Apenas segundo o fim, e, portanto, acidentalmente, seriam prostitutas. Mas é assim que o homem esquematiza o outro. Já Kant o proibira na sua formulação do imperativo categórico.

A causa formal é, pois, o objecto do desejo enamorado, o que o quer integrar, não pela destruição da sua presença, mas para viver com ele no que tem de único. É comunicar, em vez de reduzir ao pó do silêncio.

Cristina Ataíde expõe os objectos, portanto. Não tal como são, o que seria apenas "duchampiano", ready made, mas procurando-lhes a forma essencial, abolindo não apenas o contexto - trazendo-os para a sala de exposições e mostrando-os - mas ainda trabalhando-os de modo a abolir também todas as marcas das

evidências acidentais: a da utilidade, sem dúvida, mas também, não raro, o próprio material. Cria assim, não os duplos dos objectos, mas a sua própria condição única de objectos. Ainda que os desmutiplique.
De onde a força desta mostra.

De onde a força erótica (mas não genésica) da exposição: é erótica no sentido em que é sensual, que é desejo (cupiditas) e exaltação. Como pode ser o ardor místico: é o "misturar-se" com o objecto. E transcender os limites da razão finita, encerrada em si mesma: é a comunhão, enfim.

É atingir o Divino pela abstracção do próprio Deus.

Rui Costa Lopes
Abril 1994